Templo, terra abençoada e messias: a utopia do Povo da Terra em Ageu

O povo da terra sempre fez ouvir sua voz no âmbito da vida de Judá. No tempo da monarquia, chegou a interferir decisivamente nos rumos da corte davídica. De alguma maneira, o davidismo é expressão da vida e dos anseios dos camponeses judaítas. Ao mesmo tempo, a profecia do sul teve nos protestos e nas reivindicações do povo da terra um de seus principais esteios. Artigos desta revista explicitaram estes e outros pontos relacionados a esta questão.

Gostaria de abordar aqui um momento particularmente especial na história do povo da terra, em que sua participação se mostrou determinante para os rumos posteriores da história de Judá. Refiro-me à presença do povo da terra na época imediatamente posterior ao retorno dos exilados da Babilônia, quando da reconstrução do templo de Jerusalém, por volta do ano 520 aC. Neste momento decisivo, a presença do povo da terra se fez notar, e de forma incisiva. Vamos encontrá-la expressa no livro do profeta Ageu. Aliás, é bastante provável que este profeta tenha surgido exatamente do meio dos camponeses de Judá. Sua profecia supõe diálogos. Tem interlocutores. Alguns deles são claramente mencionados: Zorobabel, Josué, sacerdotes, este povo, o resto do povo, o povo da terra. Dos primeiros muito se falou e se escreveu. Importa caracterizar os últimos, que pouco interesse despertaram na pesquisa. Comentários há que simplesmente eliminaram as referências ao "povo da terra" no texto de Ageu, certamente por as considerarem irrelevantes.[1] É necessário, no entanto, resgatar esta presença marcante e ouvir sua voz. É o que proponho fazer aqui. Antes, porém, é necessário que nos certifiquemos das circunstâncias, externas e internas, em que tudo se deu.

1. Confira o texto de Ag 2,4 em STEINMANN, Jean. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. Edições Paulinas, São Paulo, 1976, p. 240.

NOVA ORDEM INTERNACIONAL À VISTA: OS PERSAS ESTÃO AÍ

A profecia de Ageu não pode ser compreendida sem que seja relacionada ao novo contexto inaugurado pelo domínio persa, que desde 539 aC se impõe sobre os escombros do império babilônico. Aliás, os redatores do livro fazem questão de relacionar a profecia de Ageu à cronologia do rei persa Dario (Ag 1,1; 1,15b + 2,1; 2,10). O que a dominação persa traz de característico?

Estamos em 520 aC. O rei Ciro tinha, já em 538, permitido o retorno dos judaítas exilados a Jerusalém e a Judá. Mais ainda, tinha se comprometido com a reconstrução do templo destruído por Nabucodonosor, inclusive oferecendo verba oficial para tal empreendimento (Esd 6,3-5).

Tamanha benignidade não nos deve enganar. O que está em andamento é uma nova forma de organização administrativa e política. Se assírios e babilônios se caracterizavam por políticas de agressão e destruição frente aos povos dominados, os persas são mais sutis. Reconhecem os espaços culturais autônomos, as expressões religiosas de cada povo. Sua forma de controle econômico se dá por outros meios que não os templos e santuários. Por isto estes estão livres, são até financiados. O que importa é garantir a arrecadação eficiente dos tributos. E nisto os persas foram mestres[2].

Uma aparente liberdade cultural e religiosa esconde uma política agressiva de tributação, cujos efeitos se farão sentir pesadamente sobre a população (confira Ne 5,1-5, que reflete a situação de Judá e Jerusalém uns setenta anos depois de Ageu).

Os novos ares, portanto, são, para a população de Judá no tempo de Ageu, bastante incertos. Pairam desconfianças. Um imperador estrangeiro fornece verba para a construção de um santuário. Não é "esmola demais"?

A VIDA DO POVO DA TERRA NO TEMPO DO EXÍLIO

Quando aconteceram as deportações para a Babilônia, fundamentalmente os grupos dominantes de Jerusalém é que foram levados, conforme nos mostram diversos textos de 2 Reis e Jeremias[3]. A maior parte da população permaneceu na terra, inclusive com maior liberdade, visto que os antigos senhores estão agora desterrados. Os opressores denunciados pelos profetas não mais incomodam, estão longe. A terra está livre, pode ser retomada pelos camponeses e lhes pode trazer abundância novamente. O livro de Jeremias nos mostra isto (Jr 39–40). Assim, a vida dos camponeses de Judá na época do exílio parece que se reorganizou em moldes tribais, sem interferência de estado ou corte[4]. O povo da terra estava surpreendentemente livre!

2. Confira KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na Antiga Judéia*. Edições Paulinas, São Paulo, 1988, p. 46-50.

3. A respeito desta questão consultar SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio*. Editora Sinodal/Edições Paulinas, São Leopoldo/São Paulo, 1987, p. 28-30.

4. IDEM, p. 30-32.

Foi neste ambiente que se fez uma retomada crítica da história de Judá e Israel. Estou aqui me referindo à Obra Histórica Deuteronomista (formada pelos livros do Deuteronômio, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis), em que se estabeleceu uma crítica à monarquia e aos reis como promotores da idolatria e do empobrecimento dos camponeses. Mas ao mesmo tempo esta Obra afirma a esperança pelo surgimento de um novo Davi, que seja justo, defensor dos pobres, libertador frente aos dominadores. A Obra Histórica Deuteronomista é uma expressão privilegiada da expectativa pela vinda de um Messias. Quem dá contornos a tal expectativa é o povo da terra, que "era profundo defensor do davidismo, se bem que dele tivesse uma compreensão diferente daquela da corte jerusalemita"[5].

Mas na época de Ageu o povo da terra vive momento difícil, já que uma seca (Ag 1,10-11) provocou uma colheita bastante escassa e, portanto, fome, sede, frio, carências enfim. Esta é a motivação imediata que fará emergir a profecia de Ageu. Mas esta reflete também outras realidades, aquelas que vêm do novo cenário internacional. Como terão reagido os camponeses diante dos novos tempos inaugurados pela hegemonia persa? Como o povo da terra terá se posicionado diante das novas medidas políticas anunciadas pelos novos senhores? Aqui a profecia de Ageu é particularmente iluminadora.

AGEU, PROFETA DO POVO DA TERRA

A grande novidade trazida pelos ventos persas e facilmente perceptível foi o apoio à reconstrução do templo. É motivada por esta realidade que a profecia de Ageu se desenrola. Com apenas 38 versículos, este panfleto profético gira em torno desta realidade, do templo em ruínas que está para ser reconstruído. Este tema já aparece em Ag 1,2. Mas suas palavras dão contornos bem específicos a esta empreitada.

Certamente esta construção não se fez sem polêmicas, sem discussões, visto estarem envolvidos muitos interesses e projetos. Certamente as opiniões deveriam divergir. Enquanto os setores mais abastados da Jerusalém que se reconstrói pouco se preocupam com a edificação do templo (Ag 1,2.4), Ageu convoca os camponeses à construção (1,5-11). Não se pode identificar "este povo" do v. 2, que pouco interesse tem na construção, com "o resto do povo" do v. 12 e "o povo" do v. 13, a quem é dirigida a fala profética.[6] Os camponeses pobres, o povo da terra, eles é que são exortados na profecia a assumirem a construção do templo. Isto fica claro se lemos o começo do capítulo 2, particularmente o v. 4: além de Josué e Zorobabel, o povo da terra é que recebe o incentivo para continuar a obra. O mutirão deverá ser "puxado" basicamente pelos camponeses!

Construir o templo, sim. Mas para quê? Até agora vimos que o templo reconstruído corresponde à política aparentemente liberal dos persas. Ageu e o povo da terra estarão comungando com o projeto persa?

5. IDEM, p. 43.

6. SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Editora Vozes/Imprensa Metodista/Editora Sinodal, Petrópolis, 1986, p. 36. Neste escrito sou muito mais devedor desta obra de Milton Schwantes do que as eventuais citações podem fazer supor.

Absolutamente não! O templo reconstruído tem uma finalidade muito precisa, que encontramos ao lermos Ag 2,6-9. O templo erigido é o sinal da intervenção de Javé dos Exércitos para "abalar" todos os componentes da natureza e, particularmente, "todas as nações". Esta linguagem totalizante possui contornos apocalípticos, mas ela tem uma referência concreta clara: aludindo a "todas as nações", Ageu evidentemente tem em vista o domínio universal dos persas. O templo deve ser reconstruído para que o império seja abalado e desmorone, seus fundamentos fiquem comprometidos e solapados! Esta observação se confirma, quando notamos a alusão que Ageu faz às "preciosidades de todas as nações". Em vez de se dirigirem ao caixa do império, serão orientadas para Jerusalém, o que significa dizer que não mais farão a riqueza e o poder dos senhores de então! O tributo não mais haverá de ser a causa do empobrecimento da população e a base do poder dos dominantes persas!

Desta maneira, o templo será reconstruído, aos olhos de Ageu e do povo da terra, com a finalidade exatamente contrária daquela pretendida pelos persas. Reconstruir o templo para que o "abalo" subseqüente traga a libertação frente ao império, para que este sofra uma derrocada definitiva. Esta expectativa política é expressa pelo texto de Ageu em categorias tipicamente teológicas: o templo é construído para que venha o Messias de Javé! Isto fica claro quando lemos o último e mais importante oráculo de nosso panfleto profético: Ag 2,20-23. Aqui o antagonismo aos persas é ainda mais evidente. O "abalo" no céu e na terra traz como conseqüência a derrubada do "trono dos reinos", a eliminação da "força dos reinos das nações" e a destruição das forças militares. Em lugar disso emerge Zorobabel, da família dinástica, que tem todas as características do novo Davi: servo, sinete e eleito de Javé (v. 23). Neste momento crucial da história, Javé está para interferir; é necessário perceber os sinais de sua ação iminente!

Deve-se notar que um pouco antes de surgirem os oráculos proféticos de Ageu o império persa estava vivendo momentos de instabilidade política e de revoltas, quando da morte do rei Cambises; só depois de muitas intrigas é que Dario finalmente conseguiu se apossar do trono. A fala de Ageu e a ação do povo da terra são "parte da agitação que perpassou o mundo de então"[7].

Fica clara, agora, a razão de tanta insistência para que se construa o templo: o que se pretende é apressar a vinda do messias. Não é esta a esperança fundamental proveniente do povo da terra, dos camponeses judaítas, como evidencia a Obra Histórica Deuteronomista? Articulando o templo, Ageu e o povo da terra estão, na verdade, projetando a existência de Judá livre do novo império, de novos senhores, de tributos escorchantes, de religiões legitimadoras do poder estabelecido.

Reconstruir o templo para que o messias venha é uma estratégia motivada fundamentalmente pelas circunstâncias. A realização da utopia é mediada pela circunstância da construção do templo. Para Ageu e o povo da terra o templo não tem significação restrita a si mesmo, mas sua reconstrução é apenas parte, ainda que significativa e imprescindível, da recuperação da identidade do povo livre de algemas, impérios e tributos, ao mesmo tempo que é sinal da presença de Javé no meio do povo camponês, que tem de novo a terra fértil e a colheita abundante (Ag 2,19).

7. SCHWANTES, Milton, *op. cit.*, p.12, 71.

Temos que nos perguntar, agora, pelo alcance e pela amplitude deste projeto articulado pelo povo da terra e expresso por Ageu. O templo, construído e controlado pelo povo da terra, é sinal do "abalo do céu e da terra", do "golpe de estado" e da vinda do messias davídico. Esta articulação terá surtido efeito? Terá passado impune diante da vigilância dos persas? Nada sabemos a respeito de Zorobabel nos anos imediatamente posteriores à pregação de Ageu (e também de Zacarias). Na inauguração do templo reconstruído, em 515 aC, Zorobabel não está presente (Esd 6,15-17). A ação do povo da terra não deve ter deixado de suscitar esperança, provocar alguma efervescência. Não se deve simplesmente ignorar a possibilidade de que Zorobabel e sua casa davídica, por causa das expectativas messiânicas e revolucionárias aí depositadas, tenham sido privados, por alguma reação mais contundente dos persas, de suas perspectivas políticas[8]. De qualquer maneira, o projeto persa triunfou, tendo que apelar ao uso da violência. As utopias de Ageu e do povo da terra foram, por um momento, reprimidas e silenciadas. O que de nenhuma maneira quer dizer que desapareceram. Pelo contrário, ressurgiram num outro contexto em contornos diferenciados[9].

ALGUMAS REFLEXÕES CONCLUSIVAS

No encerramento deste pequeno estudo não se pode deixar de chamar a atenção para o fato de que, pelo que foi visto, a profecia de Ageu não pode ser adequadamente compreendida senão como expressão das expectativas e projetos do povo da terra. Profecia é menos obra de um indivíduo inspirado que eco de anseios e esperanças coletivas. No caso de Ageu, é o povo da terra que aponta os contornos da utopia, da reviravolta que precisa acontecer. O profeta, é verdade, aponta para o momento, para a hora de agir. Mas as referências básicas para a ação são fornecidas pela história e lutas do povo da terra[10].

Constatar estas e outras ressonâncias é de fundamental importância para se reconhecer as possibilidades historiográficas dos livros proféticos. Neles ressoa a voz de variados grupos sociais. É preciso escutá-los!

Ler Ageu, portanto, implica em exercitar a sensibilidade para perceber as angústias, expectativas e lutas do povo da terra. No livro do profeta Ageu ecoam, ao mesmo tempo, mensagem de Javé e anseios do povo da terra. Na história deste, a palavra de Javé achou lugar. Palavra que incentiva a construção do sonho, a realização da utopia, a intervenção ousada contra os rumos da ordem internacional, contra liberalismos aparentes e opressões eficazes.

Pedro Lima Vasconcellos
Av. Elisio Teixeira Leite 6420, ap. 13A
02810-000 São Paulo/SP

8. Cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. Edições Paulinas, São Paulo, ^{2}1981, p. 504-505; CAZELLES, Henri. *História política de Israel*. Edições Paulinas, São Paulo, 1986, p. 216-218.

9. KIPPENBERG, Hans G., *op. cit.*; SCHWANTES, Milton. "Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra" – Iniciação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia, in *Estudos Bíblicos*, n. 11 (1986), p. 15-16.

10. Milton Schwantes ressalta outros aspectos da tradição que se destacam na profecia de Ageu (SCHWANTES, Milton. *Ageu*. Vozes, Petrópolis, 1986, p. 66-67).